



## ABUSO SEXUAL: RESPINGOS FAMILIARES

Sexual abuse: family ramifications

Rafael de Siqueira Fredi<sup>1</sup>

Karoline Bones Dill<sup>2</sup>

Marjorie Machado<sup>3</sup>

**Resumo:** Nesta apresentação de trabalho, discutimos sobre os efeitos da violência sexual na vida de um menino cuja irmã mais velha fora abusada sexualmente pelo padrasto; estes são integrantes de um grupo familiar acompanhado em diferentes serviços da rede pública. Utilizamos a estratégia do estudo de caso segundo o método psicanalítico de pesquisa. Como dispositivo da proposta de pesquisa adotamos a escuta sensível de duas das autoras responsáveis pelo atendimento a essa família. Nossa intenção é poder gerar ecos acerca das questões que relacionam a infância, o abuso sexual e a construção do masculino.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Abuso sexual. Masculinidades.

**Abstract:** In this study, we discuss the effects of sexual violence on a boy's life, where his older sister was sexually abused by their stepfather, all members of a family unit receiving support from various public services. We employed a case study approach following psychoanalytic research methods. As a research proposal, we adopted the insights of two of the authors responsible for assisting this family. Our aim is to generate insights regarding issues related to childhood, sexual abuse, and the construction of masculinity.

**Keywords:** Psychoanalysis. Sexual abuse. Masculinity.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto está intimamente relacionado aos ecos do trabalho no campo das políticas públicas em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, situada na região noroeste. Nesse município, duas das autoras trabalharam, no ano de 2018, em diferentes políticas públicas (saúde e assistência social), numa Unidade

<sup>1</sup> Psicólogo em consultório particular. E-mail: rafael.fredii@gmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga em consultório particular. E-mail: karolbonesd@gmail.com

<sup>3</sup> Psicóloga, mestranda do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). E-mail: marjorie.psique@gmail.com



Básica de Saúde (UBS) e no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), com vínculos de estagiária e coordenadora, respectivamente.

Pretendemos alinhar, em palavras, os efeitos do que resta da escuta, realizada no contexto das políticas públicas, de uma família marcada por complexas situações de violência intrafamiliar, caso que permanece ecoando e gerando discussões clínicas e teóricas. Essa complexibilidade vem gerando ecos e fazendo com que nós produzamos palavras acerca de cada sujeito do grupo familiar, conforme De Conti, Dill, Fredi e Machado<sup>4</sup>.

A família em questão foi acompanhada nos serviços e, para fins deste trabalho, escolhemos nos interrogar sobre os respingos da vivência de abuso sexual intrafamiliar na vida do Pedro,<sup>5</sup> integrante desse grupo familiar. Em específico, sobre o que pudemos escutar do seu sofrimento atrelado à ausência do pai (abusador) e possíveis efeitos de identificação. Para isso, propomos a discussão a partir do método psicanalítico, por meio de análise do que compomos como caso, oriundo da escuta sensível, conforme já citado anteriormente. Escolhemos nomear como “respingos” dada a posição que Pedro parece assumir nas relações com a família e visto que o endereçamento da violência, nesse caso, é para o feminino.

Destacamos, também, que a família é composta por pessoas pretas, em situação de vulnerabilidade social e econômica. Almeida<sup>6</sup> afirma que o racismo não está apenas no comportamento individual, mas no laço social que engendra a dinâmica das instituições públicas e privadas, configurando, mesmo que indiretamente, desvantagens para a população preta.

<sup>4</sup> DE CONTI, Luciane *et al.* Abuso sexual: efeitos que silenciam. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**, Belo Horizonte, v. 1, n. 15, 2023a. Disponível em: <https://ueadsl.anais.nasnuv.com.br/index.php/UEADSL/article/view/1177>. Acesso em: 28 set. 2023.; DE CONTI, Luciane *et al.* Situações de violência doméstica e sexual. *In*: TEIXEIRA, Leonia Cavalcante *et al.* (org.). **Destinos trágicos efeitos da violência doméstica para as filhas e os filhos**. Curitiba: CRV, 2023b. p. 63-80.

<sup>5</sup> Ressaltamos que, para manter o sigilo dos sujeitos envolvidos no relato, foram escolhidos nomes fictícios.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.



O racismo afeta a forma como a família irá se posicionar diante das instituições de segurança, saúde e assistência social. De acordo com Almeida<sup>7</sup>, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas se trata do resultado do funcionamento das instituições, que se organizam em uma dinâmica que confere desvantagens baseadas na raça. Dessa forma, o racismo institucional mantém ativo mecanismos de conflito racial, perpetuando a desigualdade e tornando-a parte da sociedade. Sendo assim, não se trata da ação de grupos ou indivíduos racistas, mas da hegemonização de instituições que impõem seus interesses políticos e econômicos, o que determina qual parte da população será mais propensa a sofrer violências, a não ter acesso à educação, segurança e qualidade de vida.

Para Fanon<sup>8</sup>, existe uma organização de dados que, lenta e sutilmente, através de obras literárias, jornais, livros, cartazes, cinema, rádio e instituições de ensino, acomodam-se no indivíduo, constituindo sua visão de mundo e da sociedade na qual está inserido. Dessa forma, podemos pensar nos obstáculos que dificultam a criação de um vínculo da família com as instituições de saúde e de assistência social, tendo em vista que se cria nos sujeitos negros, de forma impositiva, um medo histórico e cultural de instituições.

De acordo com o *Guia de enfrentamento do racismo*<sup>9</sup>, o racismo institucional coloca pessoas de grupos raciais e étnicos discriminados em posição de desvantagem em relação aos benefícios fornecidos pelo Estado e demais instituições, organizações e grupos. Trata-se de uma estrutura social, econômica e cultural perversa, que mantém esses sujeitos nas margens da sociedade e em situação de risco.

A vulnerabilidade referida também faz fronteira com o racismo, é interseccional. Estar em situação de vulnerabilidade social compõe-se, muitas vezes, como um desamparo social e discursivo que, por sua vez, suscita, incessantemente,

<sup>7</sup> ALMEIDA, 2019.

<sup>8</sup> FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

<sup>9</sup> COELHO, A. *et al.* **Guia de reconhecimento, orientações e enfrentamento ao racismo**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2020.



efeitos nefastos nos sujeitos, colocando-os em posição de risco. O risco na infância está vinculado a fatores que podem ameaçar ou causar efeito danoso à integridade da criança, seja moral, psicológica, física, bem como omissão da família, dos grupos sociais ou do Estado<sup>10</sup>.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi o método de pesquisa psicanalítica e a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, em que a base para a investigação teórica é um recorte ficcional, baseado em um caso acompanhado por algumas autoras do trabalho. Desde Freud a psicanálise se vale da cultura para sustentar as proposições teóricas. Partindo do caso a caso, “com a singularidade, com o intransmissível e o incomparável um a um”<sup>11</sup>, também desenvolve pesquisas relevantes sobre a cultura e os fenômenos sociais. Segundo Rosa, “Freud sempre avançou a teoria implicando as questões sociais e marcando sua constante recusa em opor indivíduo e sociedade, isto é, reafirmando a indissociável relação entre um e outro”<sup>12</sup>.

A Psicanálise extramuros ou em extensão diz respeito a uma abordagem – por via da ética e das concepções da psicanálise – de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico. Consideramos que esse tipo de pesquisa da Psicanálise – iniciado por Freud e por ele nomeado psicanálise aplicada – projeta um campo que vem se tornando palco de várias discussões e impasses.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> COSTA, Antonio C. Gomes da. **É possível mudar: a criança, o adolescente e a família na política social do município**. São Paulo: Malheiros, 1993.

<sup>11</sup> CANAVÊZ, Fernanda; VERZTMAN, Julio S. Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? **Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 8, p. 1-21, 2021. p. 3.

<sup>12</sup> ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

<sup>13</sup> ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. p. 331.



Compreende-se que na clínica psicanalítica é o analista que ocupa o lugar de suposto saber perante o sujeito. No entanto, de acordo com Moreira, Oliveira e Costa<sup>14</sup>, quando na situação de pesquisa esse lugar se inverte, o sujeito da pesquisa passa a ocupar o lugar de suposto saber em relação ao pesquisador. Dessa forma, a demanda do pesquisador deve ser ampla para que o sujeito possa formular a questão e, se possível, respondê-la.

## APRESENTAÇÃO DO CASO

Em uma noite qualquer, o genitor chegou em casa, de madrugada, alcoolizado. Trabalhava à noite em um frigorífico. Foi ao quarto das meninas. Ana Clara,<sup>15</sup> de 6 anos, estava acordada e, diante do que assistia, ficou calada, silenciada pelo horror. Paralisou. O homem (pai/padrasto), assustador, tapava com sua mão a boca de Ana Sofia, 12 anos, sua enteada, enquanto a despiu e a estuprou. Ana Beatriz, a mãe, dormia no quarto ao lado.

A violência vivida por Ana Sofia perpassa o corpo psíquico da irmã e da mãe, causando uma dor que se propaga pela família, afetando o irmão caçula, Pedro, e a avó, adoecendo cada um de forma diferente. Na obra “Psicologia de grupo e a análise do ego”<sup>16</sup>, Freud aborda a intersubjetividade, destacando que o desenvolvimento de cada sujeito está entrelaçado com o de outros. A subjetividade da criança se constrói através da relação com objetos e afetos, através de experiências reais, simbólicas e imaginárias; dessa forma, mostra-se possível uma transmissão psíquica, de traços de

<sup>14</sup> MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; OLIVEIRA, Nathiële Araujo; COSTA, Etyene Andrade. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. **Tempo psicanalítico**, [S./l.], v. 50, n. 2, p. 119-142, 2018.

<sup>15</sup> Essa escolha da nomeação das mulheres pertencentes a esse caso refere a transgeracionalidade da violência, em que os efeitos do abuso ficam pulverizados em todos da família. Sendo assim, de modo simbólico, escolhemos representar essa transgeracionalidade, o que se repete em diferentes idades do ser feminino, de diferentes formas, através dos nomes: Ana Beatriz (a mãe), Ana Sofia (a filha adolescente) e Ana Clara (filha com idade ainda condizente à infância).

<sup>16</sup> FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 18 v. p. 89-179.



subjetividade e de adoecimentos também, fenômeno de identificação imaginária. Para Kaes<sup>17</sup>, o inconsciente carrega a “marca” de outros sujeitos, que se manifesta na sua estrutura e nos seus conteúdos. A história de uma família, mesmo uma história não contada, talvez uma história silenciada, é passível de ser transmitida transgeracionalmente e ser atualizada em vivências das novas gerações. Aquilo que se transmite é aquilo que não pode ser dito. O não dito dos pais retorna nas fantasias que se repetem pela criança, em seus atos<sup>18</sup>.

Vemos que Pedro<sup>19</sup> parece reagir de um modo particularizado em relação às Anas, expressando que o sofrimento também o atinge, contudo de uma outra posição. Desse modo, escolhemos abordar, neste ponto, os reflexos da violência intrafamiliar na constituição da identidade masculina desde a infância, o que, por vezes, reflete na reprodução dos ciclos de violência.

A chamada masculinidade frágil ou tóxica é, portanto, aquela que não suporta se olhar no espelho e ver-se diferente dos seus ideais. E, para combatê-la, é preciso não apenas denunciá-la do ponto de vista de suas consequências, mas igualmente, compreender como homens representam-se a si mesmos, quais fantasias permeiam seus atos e, principalmente quais contradições e alternativas podem florescer de uma análise detida sobre a masculinidade.<sup>20</sup>

Quando a mãe tem ciência do abuso, toma providências e se muda com os filhos para uma cidade próxima de sua família de origem. A mãe procura também os serviços de assistência e saúde do município, a partir dos quais tivemos contato com o caso. Quando o pai retoma o contato com a família, a mãe e as meninas ficam com medo, não sabendo como proceder, no entanto, Pedro demonstrava querer a visita do pai, principalmente devido ao que declarava como promessa esperada: “Ele vai

<sup>17</sup> KAES, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. *In: EIGUER, Alberto et al. (org.). A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica.* São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 5-19.

<sup>18</sup> ROSA, 2018.

<sup>19</sup> Usamos esse caso como base para a articulação dos efeitos da violência na constituição do psiquismo, porém advertidos dos limites interpretativos que aqui se colocam, uma vez que o acompanhamento clínico de Pedro não se deu e a base para esta elaboração são os relatos advindos da mãe e das observações das psicólogas atuantes na rede.

<sup>20</sup> AMBRA, Pedro (org.). **Cartografias da masculinidade.** São Paulo: Cult Editora, 2021. p. 22.



trazer brinquedos na Páscoa”. Isso demonstrava que conversava ao telefone com o pai. Em outro momento, quando acompanha a mãe na UBS, ele a vê desmaiar e, assustado, começa a chorar. Uma estagiária de enfermagem se aproxima e lhe diz que ele não tem motivos para chorar, o que o faz silenciar.

Em uma fala sobre a temática da violência, que foi realizada por uma das autoras na escola em que Pedro estudava, ele respondia às perguntas e dava exemplos de violência, chegando a contar para a turma (fora do contexto) que sua mãe caiu na UBS. Segundo relatos da mãe, Pedro começou a demonstrar comportamentos agressivos com ela e com suas irmãs, chegando a jogar objetos contra elas.

## DISCUSSÃO

É sabido, a partir da psicanálise, que a infância tem grande relevância na constituição da subjetividade e marca a construção da identidade pela qual o sujeito pode situar sua posição no mundo. Pedro parece escolher uma forma de expressar sua dor por meio de atos violentos, seja na escola ou no ambiente familiar com a mãe e as irmãs, repetindo, de alguma forma, a posição do pai. Hipoteticamente, podemos pensar na relação de identificação com o masculino, marcado pela posição violenta que esboça tanto no campo individual quanto na naturalização dessa posição associada aos homens.

Nesse sentido, escolhemos abordar brevemente alguns aspectos da constituição psíquica a partir da teoria psicanalítica. Bonfim<sup>21</sup> em seu livro intitulado *Tornar-se homem: ressonâncias do declínio do ideal viril na sexualização*, conduz uma reflexão sobre a questão da constituição da identidade através do complexo de Édipo em Freud e Lacan.

---

<sup>21</sup> BONFIM, Flavia G. **Tornar-se homem: ressonâncias do declínio do ideal viril na sexualidade**. São Paulo: Dialética, 2022.



Partindo disso, pensamos que é na constituição psíquica para o menino, como resultado do final do conflito edípiano, que se dá a introdução da autoridade paterna no Eu. “A partir da organização desta nova instância, o menino toma de empréstimo a severidade do pai – o que assegurará a proibição do incesto.”<sup>22</sup> Desse modo, a operação realizada por esse complexo, juntamente com o discurso do Outro, tem papel demarcador quanto a modelos, normas e semelhantes que participam de um ordenamento das relações entre os sexos e na indicação de como ser homem. Um dos resultados do conflito edípico poderá ser a identificação<sup>23</sup>.

Retomando o percorrido por Bonfim, agora no que se refere às articulações de Lacan, podemos tomar mais elementos para esta discussão. Assim como em Freud, Lacan também aponta que o terceiro, e último, tempo do Édipo tem por consequência a identificação com o pai.

Assim, no terceiro tempo do Édipo, o Nome-do-pai é internalizado pela criança fundando a matriz simbólica do suporte identificatório do Ideal do Eu, permitindo ao menino tomar o pai como modelo viril, carregando ‘o título de posse de sua virilidade no bolso’, a significação fálica, de modo a se servir dela na puberdade.<sup>24</sup>

Bonfim aponta que para Lacan o Ideal do Eu serve como uma bússola para o sujeito, na tentativa de alcançar uma maneira de ser e desejar, a partir da identificação. Assim, ao ser internalizado, o Nome-do-pai funda uma espécie de matriz simbólica, onde o Ideal do Eu tem função orientadora quanto à posição sexual. A autora ressalta, ainda, que esse processo ocorre não sem as influências dos aspectos sociais que circulam na cultura em relação às nomeações do que é ser homem.

No complexo caso relatado neste trabalho, podemos ver que a presença do pai é sentida de forma diferente por Pedro em relação ao que as irmãs e mãe sentem. O pai é aquele que traz presentes e que parece referenciar sua posição subjetiva; em outras palavras: faz função. De alguma forma, as insígnias paternas chegam a Pedro,

<sup>22</sup> BONFIM, 2022, p. 91.

<sup>23</sup> FREUD, [1921] 1980.

<sup>24</sup> BONFIM, 2022, p. 100.





que parece ter o pai nesse lugar de idealização. Ele repete o traço violento do pai, seja por uma via de manutenção do pai internalizado, ou por manifestação de sua dor. O significante<sup>25</sup> violência circula nesse lar.

Outro ponto de relevância dessa narrativa são os efeitos da constituição psíquica de meninos que vão se situando diante de uma posição masculina, refere-se a ideias e valores que circulam na cultura acerca do ser homem. Nesse sentido, o que podemos demarcar como sendo esses valores? Ambra<sup>26</sup> abre a reflexão sobre masculinidade juntamente com a pergunta sobre o que é ser homem. O autor traz algumas definições que logo vêm à mente de quem faz esse questionamento. Tais definições giram em torno de que ser homem é: gostar de mulher, futebol, armas, ter aversão à cor rosa, oprimir, bater, entre outras. Mas destacamos o fato de que ao se levantar a questão sobre o que é ser homem, via de regra, quase sempre a resposta estará ligada ao “deve ser”, que traz o caráter de rigidez imposta à subjetivação masculina. Sobre isso o autor diz:

Mas notemos que, ainda que sensivelmente diferentes entre si, as respostas possíveis a esta pergunta quase sempre se conjugam num imperativo determinado. Ou melhor, são escutadas e interpretadas pelos homens a partir de uma lógica de ‘deve ser’. Desde as mais conservadoras representações que ensinam a meninos que homem é quem bate, oprime e silencia o outro, até aquelas segundo as quais é o dever de todo homem desconstruir-se, reconhecer e abrir mão de sua miríade de privilégios, parece que estamos frente a uma pluralidade de ideias que acabam por se reduzir a uma gramática rígida de injunções.<sup>27</sup>

Fica demarcado, portanto, o caráter determinista que perpassa a constituição psíquica masculina desde a infância. O pequeno Pedro, assustado pelo sofrimento vivenciado pela família, onde também para ele existe a perda de um pai (ao menos o

---

<sup>25</sup> "Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica." ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 708.

<sup>26</sup> AMBRA, Pedro. Apresentação. Dossiê cartografias da masculinidade. **Revista Cult**, [S.l.], v. 242, 2019.

<sup>27</sup> AMBRA, 2019, p. 17.



idealizado), que sai da função imaginária de protetor e tem sua face violenta desmascarada, vê agora sua mãe e suas irmãs demonstrando seu sofrimento. Quando então lhe são apresentadas as insígnias culturais que nomeiam o masculino, como consta em nosso relato: homem não chora, ou neste caso, “você não tem motivo nenhum para chorar”.

Como se nesse fragmento ficasse claro o que circula na cultura sobre a posição do homem, mesmo que impulsionada por boas intenções, essa fala vem denunciar certa posição imposta na subjetivação dos homens, desde meninos. Homem não chora, pois não há motivos para chorar, diferente das irmãs ou da mãe, que teriam motivos e estão autorizadas a expressar sua dor. A noção do “deve ser” que determina a constituição da identidade de gênero masculina mostra sua face perante o social. Não é porque Pedro não foi vítima desse abuso que essa violência não chegue até ele.

Essa reflexão do determinismo nos induz a pensar sobre os aspectos de virilidade culturalmente associados ao masculino. Bonfim<sup>28</sup> aponta que, para Lacan, a ascensão à uma posição viril passa pela castração. Ou seja, para um menino, ter o pênis não basta, é necessário que se passe pelo medo de perder, advindo do complexo de castração, para que o órgão sexual se vincule à dimensão do viril. A identificação viril decorre do que Lacan<sup>29</sup> diz ser um jogo jogado com o pai, no qual “quem perde (imagina perder o pênis), ganha (o objeto fálico)”<sup>30</sup>. Assim, fica posto a função do pai na trama edípica.

Bonfim<sup>31</sup> apresenta que, dada a problemática da função do pai, Lacan distingue três aspectos da função paterna, sendo eles: o pai simbólico, o pai real e o pai imaginário. E sobre essa conceitualização, a autora diz que o pai simbólico, para Lacan, corresponde ao que o psicanalista articula como Nome-do-Pai considerado

<sup>28</sup> BONFIM, 2022.

<sup>29</sup> LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

<sup>30</sup> BONFIM, 2022, p. 96.

<sup>31</sup> BONFIM, 2022.



como conceito mediador entre o mundo simbólico e sua estruturação, pois é por intermédio dele que o sujeito é separado da completude da função materna. Já a organização da sexualidade do menino e sua assunção à função sexual viril decorre da função do pai real, e este, por sua vez, assume a função de pai castrador, função do pai na forma concreta.

Dessa forma, a internalização do Nome-do-Pai, em decorrência da trama edípica, funda uma matriz simbólica, que tem a função de “orientar o sujeito quanto à sua posição sexual, masculina ou feminina, a partir de uma economia libidinal que não exclui a influência de aspectos sociais, notadamente, o que se é nomeado de homem e de mulher na cultura”<sup>32</sup>. Esses aspectos sociais do que é ser homem, como já referido acima, situam o ideal viril, que historicamente compreende virilidade como um ideal de força e virtude, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais. Bonfim situa, ainda, que a virilidade enquanto ideal implica a promoção da universalização que se ampara no semblante fálico, e que, fixada na lógica fálica, o ideal viril constitui um rechaço à diferença.

E nesse ponto, uma importante transformação social tem se presentificado. Dado que a cultura, por séculos, vem se baseando nas insígnias fálicas do patriarcado, a contemporaneidade vem acompanhada de diversas propostas de transformações, alavancadas por importantes movimentos sociais que abarcam subjetividades que por muito tempo foram sucumbidas ou violentadas em seu direito de existência. O que tem produzido manifestações e violências machistas de todas as ordens, como forma de resistência e tentativa de dominação. Por certo que ao provocar tais mudanças, a identidade masculina se vê confrontada a se reinventar.

Ocorre que tal exercício performático de sustentação de uma potência se justifica apenas pelo fato de se saber que, no fundo, não se tem aquilo que se julga ter. Em outras palavras, pode-se tomar grande parte das ditas posturas viris como sintomas daquilo que se convencionou chamar de

---

<sup>32</sup> BONFIM, 2022, p. 101.



'masculinidade frágil': defender uma constituição identitária inatingível é uma das maneiras pelas quais homens tentam lidar com seu desamparo [...].<sup>33</sup>

Assim, “o declínio do ideal viril tem sido sentido como essa perda de gozo experimentado do lado dos homens, cuja reivindicação viril se coloca como uma resposta a essa nova organização social”<sup>34</sup>. O colapso dessa centralidade fálica e da estrutura de poder tem gerado ressonâncias entre alguns homens que se agarram à suposta garantia da estrutura de ficção da virilidade, tentando fazer a potência fálica existir como uma resposta a esse declínio.

## CONCLUSÃO

Para concluir, podemos pensar nas ressonâncias da violência na vida de Pedro a partir do trabalho do psicanalista Sándor Ferenczi<sup>35</sup> sobre a questão do trauma. Apensar de usar como exemplo o abuso sexual na infância para a formulação da teoria do trauma, em seu texto “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” fica posto que o trauma psíquico não diz respeito apenas à violência sexual real, mas comporta algo do excesso, podendo ser o amor excessivo ou castigos exagerados tidos como atos correspondentes a um abuso.

Abras<sup>36</sup>, ao abordar a teoria ferencziana, fala sobre os efeitos dos abusos na relação entre adultos e crianças. Ela diz que na situação traumática, a criança não pode mais contar com o adulto, pois ele, que deveria estar na posição de proteção e atuar como figura reguladora, não cumpre essa função, “ao contrário, ele que deveria ser o guardião dos interditos é o próprio transgressor”<sup>37</sup>. A autora segue dizendo que a violação de uma criança, seja qual for, significa a transgressão de uma lei

<sup>33</sup> AMBRA, 2021, p. 18.

<sup>34</sup> BONFIM, 2022, p. 215.

<sup>35</sup> FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança [1933]. In: FERENCZI, S. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-121.

<sup>36</sup> ABRAS, Rosa M. Gouvêa. Ferenczi, uma clínica a partir do traumático. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 36, n. 67, p. 85-90, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v36n67/v36n67a10.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

<sup>37</sup> ABRAS, 2014, p. 88.



fundamental da cultura, em que o adulto abandona a criança em uma realidade na qual a ordem foi quebrada. É nesse sentido que o conceito de confusão de línguas em Ferenczi<sup>38</sup> é definido como aquilo que pode causar um trauma e pode ser tomado como a confusão de leis,<sup>39</sup> pois aquele que ocuparia o lugar de mediação dessa lei se coloca fora do seu alcance.

Portanto, retomando a história de Pedro, nesse caso a violência parece ter também seu alcance. A falta do pai anunciada por Pedro, além de remeter à ausência física paterna, também pode relacionar-se com o abandono. Pois ao quebrar as leis fundamentais e ultrapassar limites, o pai sai da posição de protetor, de regulador, deixando o abandono e um lugar vazio.

Além disso, a proposta deste trabalho foi levantar algumas indagações suscitadas a partir desse complexo caso, em que os respingos da violência vivida por essa família demonstram o enlaçamento entre o social e subjetivo. Pedro nos convida a pensar acerca da fragilidade da função paterna e da constituição da identidade masculina, que, presa em sua fixidez, encontra na via da violência uma forma de resistência. Podemos pensar sobre as consequências da continuidade do ciclo da violência contida na constituição da identidade de meninos que experienciaram, de maneira direta ou indireta, a corrupção de um lugar familiar que poderia lhes dar aparatos e referências de um para-além da fixidez, conferindo-lhes a possibilidade de uma reinvenção identitária. A agressão demarca justamente a fragilidade dessa posição, apontando para o enfraquecimento das estruturas simbólicas que garantiriam outras vias de sustentação que não a da violência. Em outras palavras, homem não chora, mas pode fazer chorar.

---

<sup>38</sup> FERENCZI, 2011.

<sup>39</sup> Essa confusão de leis se situa na diferença de maturação e dos registros psíquicos nos adultos e nas crianças. “O prazer infantil é lúdico, é um fazer de conta, que representa a compreensão que a criança pode ter da sexualidade dos adultos. [...] A sexualidade adulta, por seu lado, se organiza num outro registro, já sujeita ao recalçamento e às interdições culturais.” ABRAS, 2014, p. 88.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



## REFERÊNCIAS

ABRAS, Rosa M. Gouvêa. Ferenczi, uma clínica a partir do traumático. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 36, n. 67, p. 85-90, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v36n67/v36n67a10.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMBRA, Pedro. Apresentação. Dossiê cartografias da masculinidade. **Revista Cult**, [S.l.], v. 242, 2019.

AMBRA, Pedro (org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

BONFIM, Flavia G. **Tornar-se homem**: ressonâncias do declínio do ideal viril na sexualidade. São Paulo: Dialética, 2022.

CANAVÊZ, Fernanda; VERZTMAN, Julio S. Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? **Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 8, p. 1-21, 2021.

COELHO, A. *et al.* **Guia de reconhecimento, orientações e enfrentamento ao racismo**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2020.

COSTA, Antonio C. Gomes da. **É possível mudar**: a criança, o adolescente e a família na política social do município. São Paulo: Malheiros, 1993.

DE CONTI, Luciane *et al.* Abuso sexual: efeitos que silenciam. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**, Belo Horizonte, v. 1, n. 15, 2023a. Disponível em: <https://ueadsl.anais.nasnuv.com.br/index.php/UEADSL/article/view/1177>. Acesso em: 28 set. 2023.

DE CONTI, Luciane *et al.* Situações de violência doméstica e sexual. *In*: TEIXEIRA, Leonia Cavalcante *et al.* (org.). **Destinos trágicos efeitos da violência doméstica para as filhas e os filhos**. Curitiba: CRV, 2023b. p. 63-80.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança [1933]. *In*: FERENCZI, S. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-121.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE  
**GÊNERO E RELIGIÃO**  
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego [1921]. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 18 v. p. 89-179.

KAES, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. *In*: EIGUER, Alberto *et al.* (org.). **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 5-19.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; OLIVEIRA, Nathiële Araujo; COSTA, Ethyene Andrade. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. **Tempo psicanalítico**, [S.l.], v. 50, n. 2, p. 119-142, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.